

Pesquisa DIEESE/Apeoesp

Violência nas Escolas: uma visão dos delegados da Apeoesp

2007

Coordenador: Alexandre Ferraz
Equipe: Eliana Elias e Fernando Martins

Sumário

Prefácio

Introdução

- 1. A violência nas escolas estaduais**
 - 1.1 Tipos de violência**
 - 1.2 Armas na escola**
 - 1.3 Drogas na escola**
 - 1.4 Outras situações de violência vivenciadas pelos delegados**
 - 1.5 Quais são os protagonistas da violência**
 - 1.6 O período em que ocorre a violência**
 - 1.7 Principais causas da violência**
 - 1.8 Relação entre alunos e professores**
- 2. O Encaminhamento pela escola dos casos de violência**
- 3. A sensação de segurança nas escolas**
 - 3.1 Segurança das instalações**
- 4. Projetos e medidas com impacto sobre a violência**
- 5. Possíveis explicações para violência e seus efeitos**
 - 5.1 As variáveis associadas à manifestação da violência**
 - 5.2 As variáveis associadas ao tipo de violência**
 - 5.3 Estrutura de segurança na escola e percepção do entorno**
- 6. Conclusão**
- 7. Bibliografia**

Prefácio

Flávia Schilling ¹

Violência e escolas: reflexões a partir de uma pesquisa

Analisando o relatório da pesquisa com os professores-delegados participantes do encontro, há algumas observações a serem feitas sobre o tema e sobre o recorte específico derivado do perfil dos entrevistados e das perguntas contidas no questionário.

Violência urbana, insegurança e violência na escola

Um dos eixos analíticos é da existência de uma relação entre a violência social, claramente localizada em alguns bairros das periferias da metrópole, e a violência no ambiente escolar.

Os dados contidos no relatório da pesquisa sobre a violência fatal no Estado de São Paulo são de 1999. É exatamente a partir desse ano que se constata um decréscimo constante e relevante das taxas de homicídio. Este decréscimo não redundava – e este é um dado especialmente revelador – numa percepção, por parte dos cidadãos, de uma redução da violência na cidade, na sensação de viverem em uma cidade mais segura.

Uma hipótese para a persistência do medo urbano é a de que tais taxas ainda são muito elevadas: se o homicídio declina ² desde 1999, com São Paulo liderando a redução global do número de mortes violentas no país, é lógico que este número ainda se revela insuportável.

¹ Profa. Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

² “Com esses números, a maior cidade brasileira praticamente iguala a façanha realizada nos anos 90 por Nova York (maior cidade norte-americana), que ao longo de uma década reduziu os homicídios em 73%. “Registramos uma diminuição de 72% em sete anos. Em termos de intensidade de queda, a nossa tem sido maior do que a de lá”, observa Kahn. O caso de São Paulo já é estudado por instituições internacionais, como a Unesco (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura), o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e a Universidade de Harvard. A redução dos homicídios no estado tem sido ratificada por fontes independentes e por outras metodologias. Na semana passada, por exemplo, o Ministério da Saúde, com base em números do Datasus informou que, de 2003 a 2006, São Paulo registrou uma queda de 48% no número de mortes por arma de fogo, dando grande contribuição para a queda de 12,3% do índice no Brasil. A metodologia do Datasus difere da adotada pela SSP, pois inclui suicídios e resistências seguidas de morte, ao passo que exclui as mortes por armas brancas, por exemplo.”(Manoel Schlindwein com Secretaria Estadual da Segurança Pública, <http://www.saopaulo.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=89062>, 1/11/2007)

Outra hipótese reforça a importância de trabalharmos com uma concepção de insegurança urbana de mais amplo alcance, que não se traduz exatamente por cifras de crimes, mas sim pela própria condição da metrópole na atualidade, pela insegurança em relação à continuidade das políticas públicas, ao uso dos equipamentos urbanos, o futuro e os valores. A insegurança urbana continua marcando profundamente mentes e corações dos moradores da metrópole.

Estas reflexões iniciais nos serviram para questionar o pressuposto da existência de uma correlação direta entre a violência social e a violência no ambiente escolar. Há escolas, situadas em territórios considerados violentos, que estão intocadas, conseguindo realizar suas tarefas de educar e proteger os mais novos.

Não há, assim, relação de “fatalidade” ou de “necessidade” entre a violência extra-escolar e a intra-escolar. Esta ausência de uma correlação necessária e direta fica clara quando pensamos na redução da violência fatal, por exemplo, e um progressivo medo/pânico permeando a percepção de muitos professores/ dirigentes/ pesquisadores em relação à escola. Nunca se falou tanto sobre a violência no ambiente escolar, nem tantas pesquisas foram produzidas do que quando, pelo menos em São Paulo, a cidade parece mais segura, pelo menos em sentido estrito e no que se refere ao direito à vida, direito fundamental. Este questionamento é fundamental, pois, de outra maneira, nossas possibilidades de agir seriam pequenas e estreitas, podendo levar a uma resignação em relação ao mal-estar no cotidiano escolar.

Podemos supor, continuando, que o mal-estar que permeia o ambiente escolar deriva de impasses e dúvidas sobre a própria função da escola e do lugar da educação escolar na atualidade, na sociedade da insegurança.

O mal-estar nas escolas

Os professores entrevistados retratam a existência, em algumas escolas, de um ambiente de mal-estar, permeado por desencontros.

A queixa mais recorrente, quando questionados em relação a quais seriam as práticas vistas como violentas mais freqüentes, foi a de que seriam as agressões verbais, permeando as relações professores-alunos. Podemos imaginar a existência de um desencontro educativo entre professores e seus alunos. Algumas respostas estariam difíceis de serem dadas: “para que serve a escola, qual é a utilidade destes estudos, quais são as regras, o que você quer de mim, poderei mudar meu destino social aprendendo tudo isso?”

Talvez, nas escolas atuais, não se saiba responder sobre as funções da escola e da educação escolar, de integração, distribuição e subjetivação e principalmente, a da importância do conhecimento para uma vida digna. Há uma pergunta que subjaz: “para que serve a escola?” A cultura e a forma escolar, é compreendida, tem algum sentido? Como estabelecer os acordos necessários para uma vida de encontros humanizadores em sala de aula? Como lidar com os evidentes conflitos entre gerações, gênero, raças-etnias-religiões, saberes, próprios da instituição?

A pesquisa também confirma uma impressão recorrente, a de que os conflitos da instituição escolar pareceriam não mais poder ser tratados pedagogicamente. As brigas entre aluno(a)s, também citadas reiteradamente, são um bom exemplo desses desencontros, desse mal-estar. Comportamentos antes vistos como comuns são, agora, vistos como ameaçadores, provocando medo. Uma briga entre aluno(a)s gera um boletim de ocorrência, clama-se por mediação externa. Essa situação nada mais faz do que reiterar a posição de fragilidade e escassa autoridade dos integrantes do corpo profissional da escola. Recria a impotência.

Este é um dado reiterado em pesquisas: aqueles comportamentos vistos como indisciplinados (e, assim, passíveis de ser tratados pedagogicamente) ter-se-iam transformado em comportamentos violentos, ou são vistos como tais (e, portanto, progressivamente criminalizados). Será que a violência realmente tomou conta das escolas?

A violência nas escolas não é uma “fatalidade”

Exatamente por afirmarmos que a violência nas escolas não é uma “fatalidade”, acreditamos na necessidade de um diagnóstico mais preciso sobre o que acontece em algumas escolas, onde há queixas de situações de violência. Um diagnóstico mais preciso e elaborado, com a participação de todos os envolvidos, certamente mostrará que, em torno dos fatos relatados, há o que fazer: assumir a responsabilidade pela educação das novas gerações é o grande desafio que temos neste país, que universalizou tão tardiamente esse direito. Há responsabilidade dos governantes, que cometem violência contra a escola quando deixam os prédios abandonados, quando mudam incessantemente as orientações de um trabalho gerando cansaço e insegurança, quando aceitam a desvalorização da profissão de professor. Há responsabilidades dos dirigentes da escola, quando não conseguem estabelecer conexões entre as pessoas que estão na

instituição, quando não conseguem elaborar um projeto comum. Há responsabilidade dos professores, quando desistem, quando aceitam o elogio da ignorância, que nada mais faz do que reproduzir a pobreza daquelas populações. Os pais também têm sua parte, devem ser mobilizados, mesmo que não compreendam bem a função da escola ou sua cultura.

As palavras de ordem poderiam ser: explicita a que viemos, porque estamos trabalhando neste difícil ofício de ensinar, mostre que se trate de se apropriar de uma herança contraditória, porém que pode servir para a mudança das condições de nossas vidas. Estabeleça conexões, entre nós, entre nós e os alunos, entre o saber teórico e a vida prática, entre a escola e os parceiros do entorno. Não tema o debate, a participação, o envolvimento em um projeto comum, os coletivos.

Uma escola que sabe a que veio, que consegue mostrar o valor do conhecimento, despertar a paixão e o interesse do aluno pelas coisas do mundo, que consegue decidir coletivamente seu projeto, é uma escola que terá um eixo, conseguirá resgatar – construir – a autoridade do professor (uma autoridade democrática, aberta ao novo) e cumprir com a realização do direito humano à educação. Será uma escola não violenta.

Introdução

O tema da violência nas escolas ganhou relevância a partir da década de 1990, em um contexto onde a violência fora ou no entorno da escola cresceu de forma significativa. Nesta época cresceram tanto as taxas de crime contra o patrimônio, como de crime contra a pessoa, cujo mais expressivo é o homicídio cuja taxa atingiu o pico de 35,7 homicídios para cada 100 mil habitantes, em 1999, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Ao mesmo tempo a população do Estado aumentou de 30.783.108 habitantes, em 1990, para 40.484.029, em 2006, representando uma taxa de crescimento de 31,5%. Enquanto a população escolar passou de 5.987.978 alunos matriculados, para 6.757.189 alunos matriculados, em 2006, um crescimento de 12,8%.

A investigação da violência não pode circunscrever-se apenas ao aspecto puramente policial, descrito nas estatísticas das ocorrências e denúncias, e na atuação e organização das polícias. A definição do conceito de violência utilizada como referência neste trabalho não se restringe ao seu aspecto criminal e foi elaborada pela Organização Mundial da Saúde nos seguintes termos: “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Krug EG et al, 2002). A violência criminal ou, simplesmente, o crime deve ser entendido como qualquer atividade contrária à lei e passível de punição legal.

Ao investigar a violência nas escolas devemos também distinguir a violência de outro conceito próprio da educação: a indisciplina. A indisciplina pode manifestar-se de forma violenta, como no caso de agressão ao professor, mas pode também se manifestar de forma não violenta, como displicência nas aulas e faltas injustificadas. Este trabalho não foca este tipo de comportamento, cujo debate é fundamental do ponto de vista pedagógico, mas apenas aquele que gera a violência na forma definida acima.

A violência nas escolas deve também ser pensada dentro do contexto social na qual esta inserida. Como lembra Codo (1999: 151) “O fenômeno da violência não é alguma coisa que singularize as escolas, muito pelo contrário, é um problema da sociedade como um todo, e as escolas das capitais mais violentas se vêem nesse sentido mais atingidas”. Neste sentido fornecemos ao longo da apresentação a chance de comparar os dados obtidos com os de outras pesquisas e com os dados da violência para

toda São Paulo, que em 2006 viu uma explosão da violência fora dos muros da escola em decorrência dos diversos ataques do crime organizado que eclodiram na cidade.

Em um balanço realizado por Sposito (2001) sobre o tema da violência nas escolas a autora mostra que o tema foi introduzido na agenda na década de 1980, em um momento onde havia há percepção de que as unidades escolares deveriam ser protegidas dos elementos estranhos do entorno, mas que a violência dentro da escola ainda não ocupava uma posição de destaque. O principal medo era a depredação do patrimônio público e a invasão de prédios causada por elementos estranhos à escola, e tom do discurso era expor a precariedade das condições dos prédios quanto aos equipamentos de proteção. Como mostra Sposito: “O poder público passou a responder à violência com dois tipos de medidas. De um lado as relativas a segurança do estabelecimento (...) de outro as iniciativas de cunho educativo”.

A autora mostra também que a questão se agravou nos anos 90, mudando de perfil. A intensificação do policiamento no fim dos anos 80 e início dos anos 90, tida como uma das principais medidas para resolver o problema, resultou na diminuição dos índices de depredação, mas, na mesma época, passou-se a observar um aumento dos conflitos físicos entre alunos, e o vandalismo somou-se a prática de violência interpessoal (agressões verbais e físicas se tornaram mais frequentes). No primeiro estudo nacional, realizado apenas com professores, Codo (1999) identificou três tipos de violência mais frequentes na escola: depredações, furtos ou roubos, agressões físicas entre alunos e alunos e professores.

A pesquisa foi realizada durante o XXI Congresso da APEOESP de dezembro de 2006, entre os professores-delegados. Apesar da opinião expressa pelos delegados não ser aquela de todo o professorado paulista, eles são eleitos de forma proporcional garantindo a representatividade da categoria, o que permite em grande medida extrapolar as conclusões da pesquisa para o universo mais amplo do quadro do magistério. A apresentação do trabalho foi dividida em duas partes. Na primeira realizamos uma breve descrição perfil dos participantes do congresso, e, na segunda, uma análise da opinião desses delegados sobre a violência nas escolas, tal como percebida na sua experiência, na sua escola, em 2006. Ao final do trabalho apresenta-se um anexo metodológico, com as características da amostra e uma breve análise de consistência, mostrando que os dados analisados são representativos do universo dos delegados.

1. A violência nas escolas estaduais

A violência está presente no cotidiano das escolas de São Paulo e suas manifestações são familiares aos professores, alunos e demais empregados do magistério. Nada menos que 87% dos delegados afirmam ter ciência de casos de violência ocorridos na sua escola em 2006. Este número representa 583 professores dos 672 que responderam à questão.

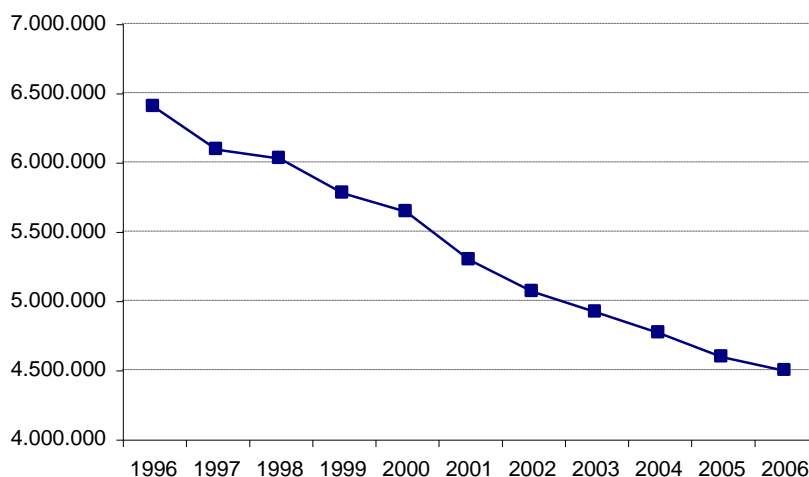
TABELA 3
Na sua escola houve casos de violência em 2006

| | Professores | (%) | (%) Valida |
|--------------|-------------|------------|---------------|
| Sim | 583 | 85,2 | 86,8 |
| Não | 89 | 13,0 | 13,2 |
| NR* | 12 | 1,8 | - |
| Total | 684 | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

O elevado número de professores que afirma ter tido conhecimento de casos de violência na sua escola é fruto direto da conceituação “alargada” do fenômeno da violência, tal como abordada aqui, que inclui inclusive os casos de agressão verbal. Temos que ter em mente que estamos nos reportando, em última instância, a um universo de 8.317 escolas e 4,5 milhões de alunos, apesar da queda no número de matrículas nos últimos anos.³ No gráfico abaixo apresentamos a evolução do número de alunos na rede estadual na última década.

GRÁFICO 7
Número de Alunos matriculados na Rede Estadual
Ensino Fundamental e Ensino Médio



Fonte: SEE-SP. CIE - Centro de Informações Educacionais e Censo Escolar de São Paulo
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

1.1 Tipos de violência

³ Como afirma Khan (2002), a violência pode estar relacionada também com o número de pessoas e o tempo de permanência delas nos estabelecimentos de ensino.

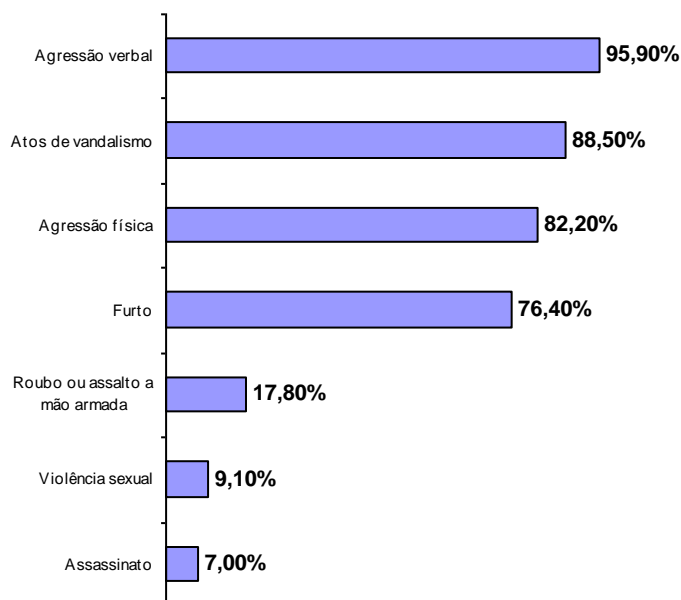
A pesquisa mostra também quais são os tipos mais comuns de violência percebidos pelos delegados, onde fica mais claro o que estamos conceituando como violência. A violência verbal foi a mais citada, com 96% dos casos. Os atos de vandalismo aparecem em segundo lugar, com 88,5% dos casos, seguido da agressão física e do furto, com 82% e 76% dos casos, respectivamente. Os casos mais graves, como os de roubo ou assalto a mão armada foram mencionados por 18% dos delegados, de violência sexual por 9% e de assassinato por 7%.

Não é possível precisar se estes índices são altos ou baixos por falta de um parâmetro correto, mas a análise de outras pesquisas e da violência “fora dos muros” da escola pode nos fornecer uma referência possível. Os estudos de Codo (1999) e Abramovay (2006) são algumas das principais referências da literatura sobre o tema.

A pesquisa de abrangência nacional de Codo (1999) analisa e procura captar quais tipos de violência são mais frequentes nas escolas brasileiras, classificando esse fenômeno em dois grandes blocos: Roubo e Vandalismo e Agressão entre alunos e aos professores. O universo da pesquisa foi 52.000 professores e teve apoio da UNICEF, da CNTE, e do CNPq.

No que diz respeito à ocorrência de roubo e ou vandalismo, a pesquisa constata que mais de 60% das escolas, nos 27 estados brasileiros, apresentam esse problema. O estado brasileiro com maior ocorrência de roubo ou vandalismo é o Acre, com 71,4% das escolas acusando esse problema. Na região Sudeste 63,4% das escolas do ES acusaram esses problemas sendo que, para as escolas estaduais do Estado de São Paulo 49,2% apresentaram ocorrência de roubo ou vandalismo.

GRÁFICO 8
Opinião dos professores segundo atos de violência observados
Estado de São Paulo, 2006 (1)



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escola

Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

É importante notar também que a pesquisa de Codo (1999) constatou uma relação direta entre **o tamanho das escolas**, medido pelo número de alunos, e a ocorrência de roubo ou vandalismo, sugerindo que as dimensões das unidades dificultam a efetividade dos recursos de segurança, frisando sua “visibilidade” diante dos maiores recursos que possui em comparação com escolas menores.

Quanto à **localização** das escolas, a pesquisa verificou que os atos de roubo e vandalismo dentro das escolas brasileiras estão mais presentes nas grandes capitais do país. Na região sudeste 57% das escolas situada nas capitais apresentou casos de roubo ou vandalismo, sendo 50,8% nas escolas situadas no interior. A região brasileira que apresentou maior diferença entre os casos nas capitais e no interior foi a região Sul. Nela, 67,3% das escolas situadas nas capitais apresentaram problemas sendo que, este número cai para 48,1 quando analisadas as escolas situadas no interior. O Estado brasileiro onde foi verificado o maior percentual nacional de casos de agressão entre alunos foi o estado de Roraima, 75,6% das escolas. O Estado com o menor percentual foi Goiás, apresentando um percentual de 8,5% das escolas.

Na região Sudeste, o estado com maior frequência de casos de agressão entre os alunos foi São Paulo, com 39,4% do total. Já o estado brasileiro onde foi verificado o maior percentual nacional de casos de agressão aos professores foi Mato-Grosso, com 33,6% dos casos. O estado com o menor percentual foi o Rio de Janeiro, onde apenas 1,2% das escolas registraram este tipo de agressão. Na região sudeste destaca-se o Espírito Santo 19,2% e São Paulo, 16,1% dos casos.

Assim como nos casos de roubo e vandalismo, o tamanho das escolas é relevante nos casos de agressão. Nesse sentido, as agressões são mais frequentes nas escolas maiores, conforme o número de alunos. Ainda segundo Codo (1999) as agressões a

professores, exceto nas regiões Sul e Nordeste, são mais comuns na capital. As agressões a alunos são mais comuns na capital em todas as regiões.

Os casos de violência à mão armada, violência sexual e assassinato são menos comuns, mas ainda assim expressivos. Se compararmos com a realidade observada em São Paulo, a partir dos dados da SEADE, podemos observar que a manifestação dos crimes na escola espelha em grande parte a manifestação do crime fora da escola, senão em taxa e em números absolutos, ao menos na proporção que cada um ocupa no total.

TABELA 4
Taxa de crimes e participação das ocorrências sobre o total
São Paulo

| TIPO DE CRIMES | 2004 | |
|---|---------------|---------------------|
| | % dos casos | Taxa (1000 mil hab) |
| Ocorrências de Crimes | 100,00 | 4.942 |
| Ocorrências de Crimes Contra o Patrimônio | 60,60 | 2.995 |
| Ocorrências de Crimes Contra a Pessoa | 31,12 | 1.538 |
| Furto Consumado | 20,23 | 1.000 |
| Roubo Consumado | 11,99 | 592 |
| Ocorrências de Lesão Corporal Dolosa | 9,65 | 477 |
| Crimes Contra a Incolumidade Pública | 2,17 | 107 |
| Tráfico de Entorpecentes | 0,70 | 34 |
| Estupro Consumado | 0,20 | 10 |

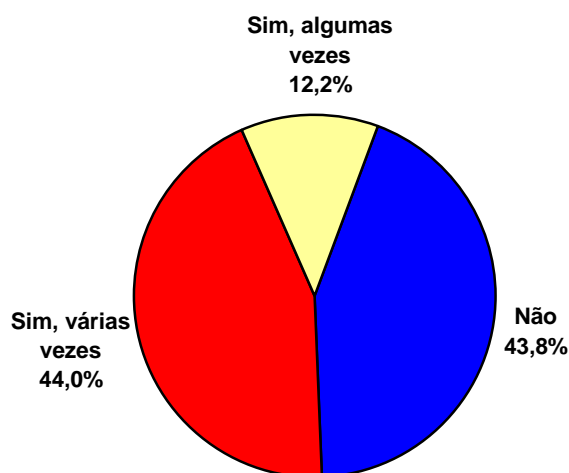
Fonte: SEADE 2007

Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

1.2 Armas na escola

Ao que parece a presença de armas no interior da escola é comum, como indica a tabela abaixo. Mais da metade dos delegados afirma ter tido conhecimento da presença de armas no interior da escola no ano de 2006 (56%).

GRÁFICO 9
Participação dos professores segundo ter visto armas na escola
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Quando indagados se haviam visto, pessoalmente, alguma arma no interior da escola, 20% deles afirmaram ter presenciado armas de fogo. Vale observar que nenhum delegado mencionou a posse de arma branca. A pesquisa nacional realizada por Abramovay (2006), verificou que 29,1% do corpo técnico pedagógico presenciou armas dentro da escola. Ao contrário da pesquisa DIEESE/APEOESP, o tipo mais recorrente de armas vista, foram às chamadas armas brancas, entre elas canivete (18,4%) e facas (11,1%). Apenas 10% dos entrevistados viram armas de fogo (revólver).

1.3 Drogas na escola

O consumo e o tráfico de drogas no interior da escola é outro tema importante captado pela pesquisa. Embora o tráfico seja menos comum que o consumo de drogas, como mostra a tabela abaixo, ambos estão presentes no cotidiano escolar. Cerca de 77,5% dos delegados afirmaram saber de casos de consumo de drogas dentro da escola em que lecionavam 2006, e 74,7% afirmaram saber de casos de tráfico no interior da escola.

TABELA 5
Em 2006, foi constatado consumo ou tráfico de drogas dentro de sua escola?

| | % Consumo | % Tráfico |
|--------------------|------------|------------|
| Sim, várias vezes | 42,9 | 42,4 |
| Sim, algumas vezes | 34,6 | 32,3 |
| Não | 12,2 | 25,3 |
| Não sei | 10,2 | 0,0 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

1.4 Outras situações de violência vivenciadas pelos delegados

Outros tipos de violência que se encaixam entre o que pode ser chamado de incivildades são também comuns segundo os delegados da APEOESP. A pesquisa revele que essas manifestações partem tanto dos alunos como dos pais de alunos. Praticamente 77% dos delegados já foram xingados por alunos, sendo que 23% afirmam que os insultos são freqüentes, enquanto 54% afirmam que eles ocorrem raramente.

Já com relação aos pais esta porcentagem é menor, mas mesmo assim significativa uma vez que 27,5% dos delegados afirmaram que já foram ameaçados, xingados ou agredidos por esses. Apesar de relativamente mais baixo do que em relação ao verificado nesta na pesquisa DIEESE/APEOESP, a pesquisa de Abramovay (2006) revela que 47% dos professores, de um total de 1.679, já foi xingado por alunos. A mesma pesquisa revelou que 9,7% já haviam sido ameaçados, xingados ou agredidos por pais de alunos. A análise revela então que tanto no escopo desta pesquisa quanto na de Abramovay (2006) essas formas de incivildade são majoritariamente praticadas por alunos.

A pesquisa buscou também captar manifestações da violência ligadas à discriminação. Embora as menções isoladas ou que discriminam o tipo de violência (sexual, de raça ou de gênero) não tenham sido significativas, cerca de 22% dos delegados afirmaram já ter sofrido algum tipo de discriminação. A pesquisa de Abramovay (2006) revela que apenas 4,3% dos professores apontaram a ocorrência de discriminação racial.

TABELA 6
Professores, segundo situação de violência vivenciada.
Estado de São Paulo, 2006

| Tipo de violência | SIM | NÃO | Total |
|---|------------|------------|--------------|
| Você foi xingado pelos alunos | 76,7% | 23,3% | 100,0% |
| Você foi xingado, ameaçado ou agredido por pais de alunos | 27,5% | 72,5% | 100,0% |
| Você sofreu algum tipo de discriminação | 21,8% | 78,2% | 100,0% |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A análise dos resultados da pesquisa revela também que cerca de um terço dos delegados já foi vítima de roubo ou furto na escola. Na pesquisa de Abramovay (2006), por sua vez, verificou-se que 8,4% dos professores foram vítimas de roubo e assalto a mão armada.

TABELA 7
Você já sofreu roubo ou furto na escola?

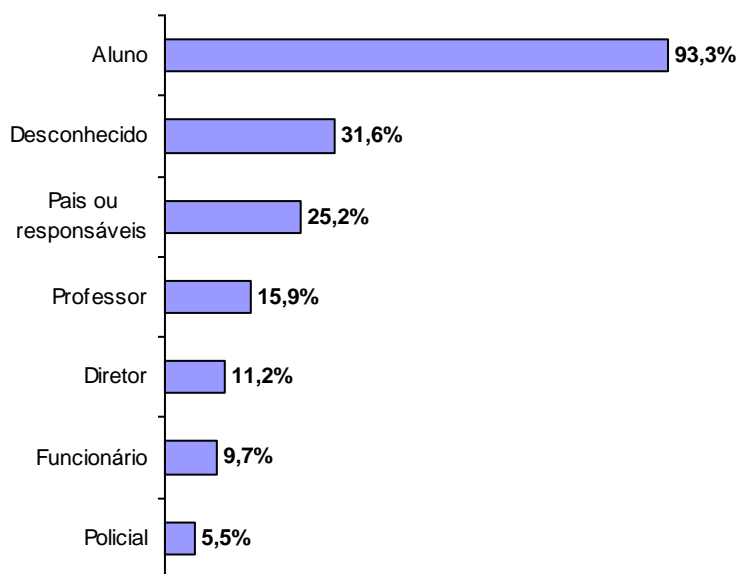
| | (%) |
|--------------|------------|
| Sim | 30,9 |
| Não | 69,1 |
| Total | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

1.5 Quais são os protagonistas da violência

Embora as respostas indiquem que a maior parte dos casos de violência seja provocada ou infligida por alunos (cerca de 93% dos casos), os pais e responsáveis também são apontados como protagonistas por parte significativa da violência observada. Cerca de um quarto dos professores afirmaram que os pais foram protagonistas de atos de violência na escola. Não é sem importância também a porcentagem de delegados que citou os próprios professores e diretores como responsáveis diretos pelos atos de violência (14% de todas as respostas).

GRÁFICO 10
Opinião dos professores quem são os autores mais freqüentes dos casos de violência ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006

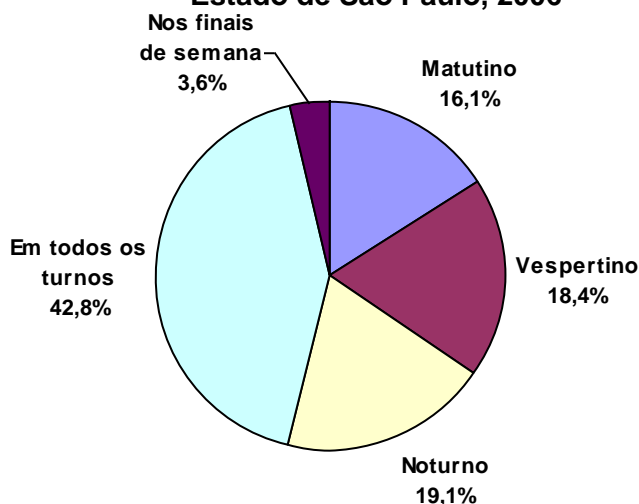


Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes
 Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

1.6 O período em que ocorre a violência

Na opinião dos delegados a violência parece não escolher a hora do dia ou período para se manifestar. Para 43% deles a violência esta presente indistintamente em todos os turnos. A porcentagem dos que citaram o período noturno como o mais sujeito à violência, cerca de 19%, ficou pouco acima da dos que citaram o período vespertino (18%) e matutino (16%), não sendo possível inferir com grau razoável de certeza que o período noturno seja realmente o de maior risco.

GRÁFICO 11
Participação dos professores segundo percepção da violência por período
Estado de São Paulo, 2006



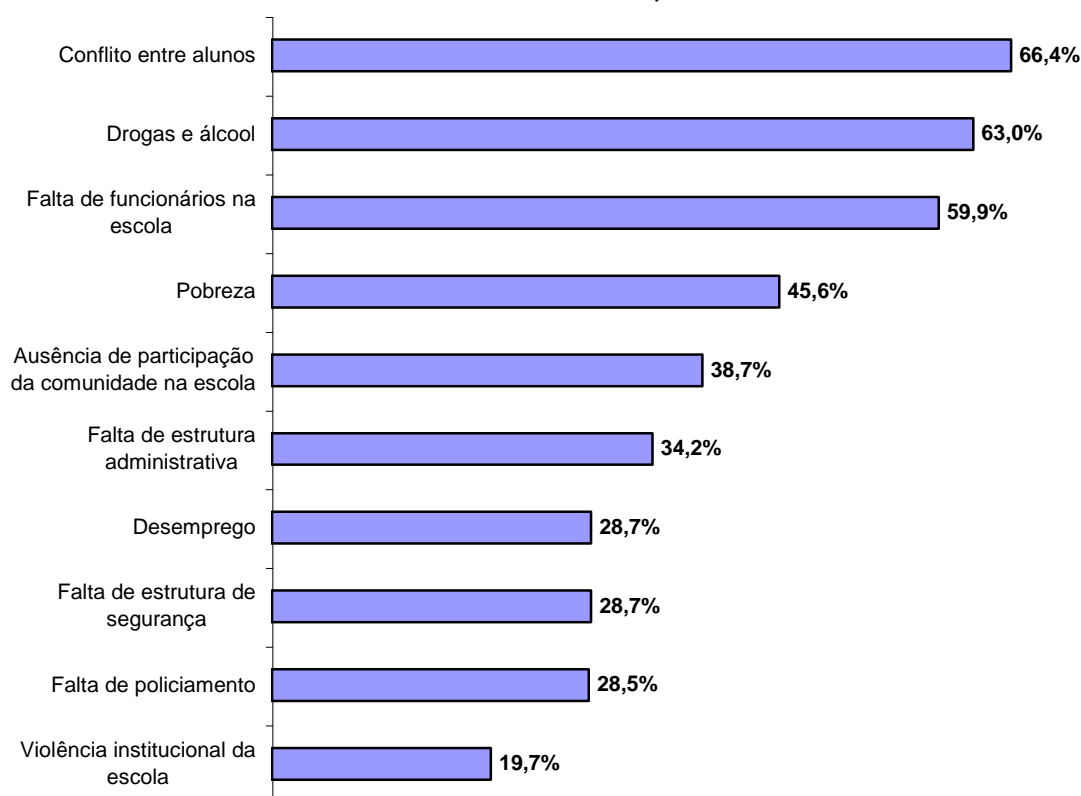
Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

1.7 Principais causas da violência

As principais causas da violência apontadas pelos delegados foram o conflito entre alunos, as drogas e o álcool, a falta de funcionários, e a pobreza e o desemprego. O conflito entre alunos se relaciona diretamente ao segundo item mais mencionado, drogas e álcool. Esta associação é feita por toda literatura sobre o tema e chama atenção para um fato grave que é a possibilidade dos alunos estarem utilizando essas drogas dentro do ambiente escolar, ou simplesmente dirigindo-se a ele após seu consumo.

Chama atenção também a citação de algumas causas diretamente ligadas à infraestrutura das escolas, seja ela física ou de capital humano. Pontos como “falta de funcionários”, ou “falta de estrutura administrativa” e de “estrutura de segurança” mencionados por boa parte dos delegados são problemas estruturais do ensino no Estado e que acabam repercutindo na questão da violência.

GRÁFICO 12
Apontamento das principais causas da violência nas escolas ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas

Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

1.8 Relação entre alunos e professores

Na tabela abaixo podemos observar qual a percepção dos delegados quanto à relação aluno-aluno e professor aluno. Apesar da pesquisa ter mostrado que o conflito entre alunos é apontado pelos delegados como uma das principais causas da violência, a porcentagem de delegados que acha ruim ou péssima esta relação é pequena, bem como a que acha ruim ou péssima a relação entre alunos e professores. Apenas 6,5%

mencionaram que a relação entre os alunos se encaixa na faixa do ruim e péssimo, e 4,9% dos delegados mencionaram que a relação entre alunos e professores se encaixa na mesma faixa. Para a maior parte deles a relação entre alunos e professores e professores e alunos pode ser classificada como ótima ou boa.

TABELA 8
Você considera a relação entre alunos e entre os alunos e professores da sua escola?

| | % Aluno - Aluno | % Aluno - Professor |
|--------------|------------------------|----------------------------|
| Ótima | 5,3 | 5,1 |
| Bom | 47,0 | 54,8 |
| Razoável | 41,1 | 35,2 |
| Ruim | 5,9 | 4,4 |
| Péssima | 0,6 | 0,5 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

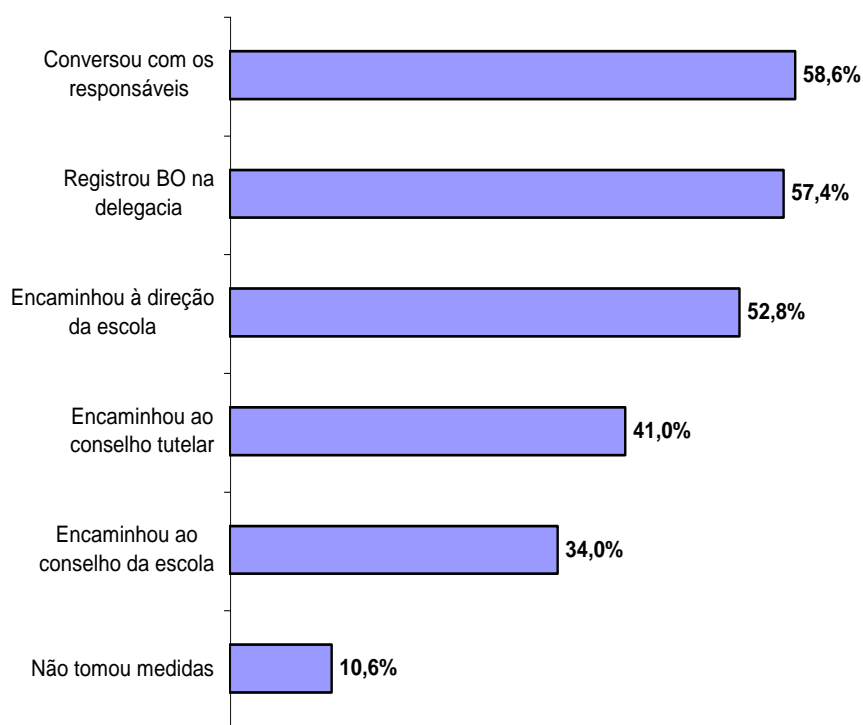
A indagação sobre a relação entre alunos aparece também na pesquisa nacional realizada por Abramovay (2006). Entre o corpo técnico pedagógico 70% consideram a relação boa e muito boa, porcentagem sensivelmente maior que a registrada na pesquisa DIEESE/APEOESP. A proporção dos que acham a relação não muito boa ou péssima somam 29,7%, percentual relativamente alto quando comparado aos 6,5% apontados nessa pesquisa.

Já a percepção dos delegados presentes ao congresso quanto à relação com os alunos é majoritariamente positiva, concentrando-se na faixa de ótima ou boa, (60%). Essa percepção está em linha com (Abramovay, 2006), que verificou em nível nacional um percentual de 59,2% dos professores que consideram sua relação com os alunos ótima ou boa. A percepção negativa dos delegados também apresenta correspondência com a observada no trabalho de Abramovay (2006), que verificou em nível nacional um percentual de 4,3% entre ruim ou péssima.

2. O Encaminhamento pela escola dos casos de violência

A análise das respostas sobre o encaminhamento dos casos de violência na escola revela que uma parte significativa dos casos é encaminhada a delegacia, com o registro do Boletim de Ocorrência (BO). São relativamente comuns também os encaminhamentos ao conselho tutelar, com 41% dos casos. Na maior parte das vezes, contudo, a solução se dá dentro do próprio ambiente escolar. Estes casos aparecem discriminados da seguinte forma, 59% dos delegados mencionou que o encaminhamento freqüente é a conversa com os pais ou responsáveis (claramente no caso de violência provocada pelos próprios alunos). Uma porcentagem semelhante de delegados mencionou que o encaminhamento à direção da escola é também comum, cerca de 41% dos delegados assinalou esta alternativa que, no conjunto, obteve 16% do total de menções.

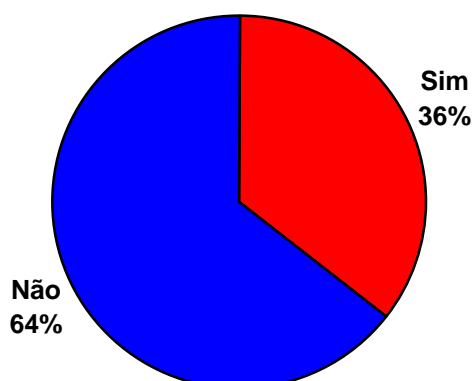
GRÁFICO 13
Quais medidas foram tomadas nos casos de violência?
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes
Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

Quando indagados sobre o desfecho do encaminhamento, 64,5% dos delegados manifestaram que este foi insatisfatório, contra 35,5% que acharam o resultado satisfatório.

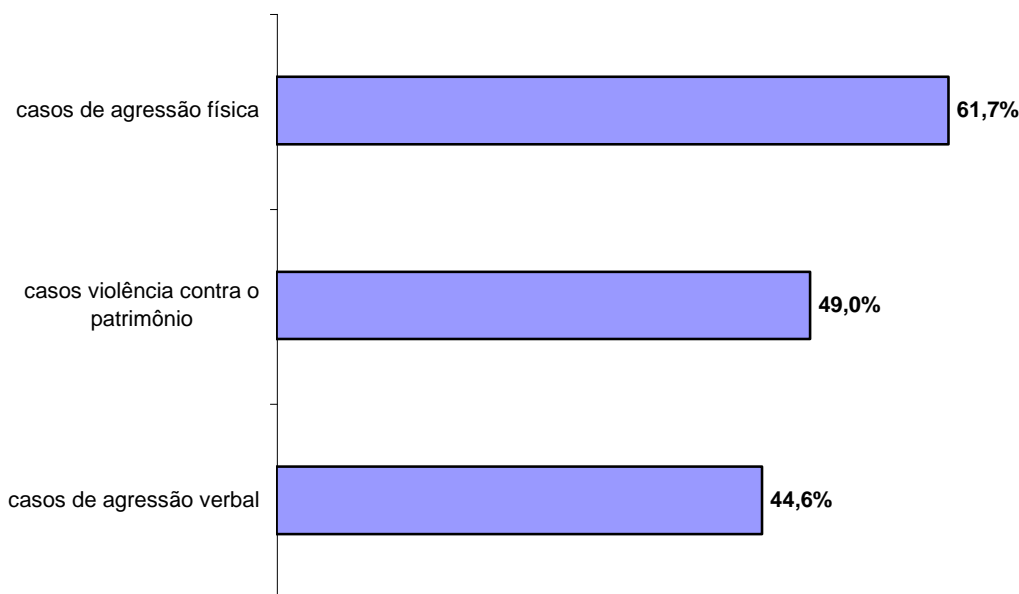
GRÁFICO 14
Os encaminhamentos tiveram desfecho satisfatório?
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Os casos encaminhados à delegacia mereceram uma investigação mais aprofundada. A pesquisa indica que este procedimento foi mais comum nos casos de violência física e de violência contra o patrimônio.

GRÁFICO 15
Em que casos houve registro de boletim de ocorrência? ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006

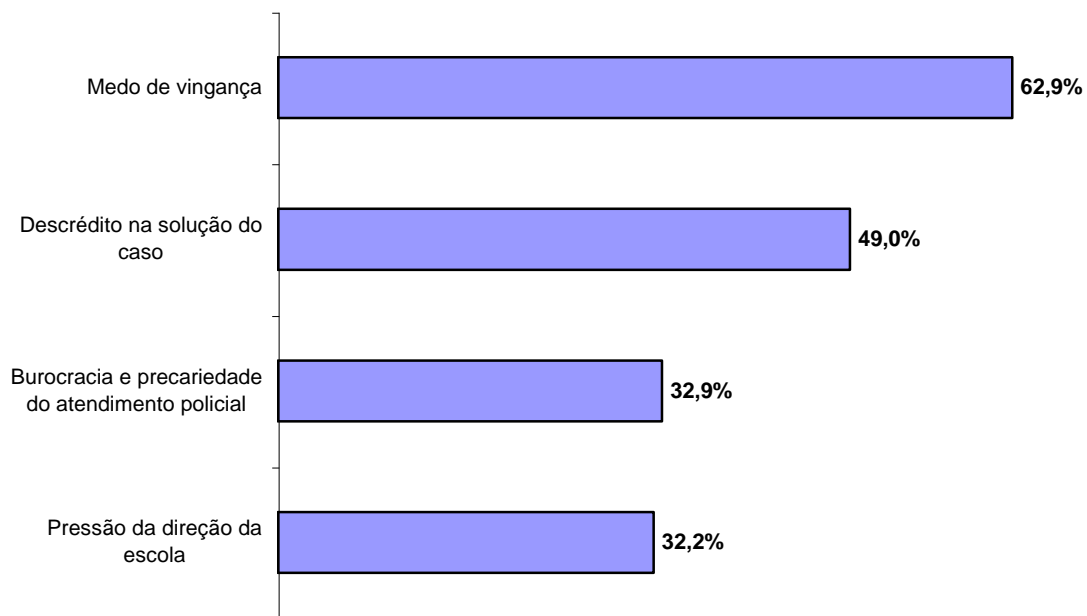


Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

A não realização do BO, por sua vez, apresenta motivos muito semelhantes aos mencionados nas pesquisas de vitimização (Kahn, 2002).

GRÁFICO 16
Quais os motivos de não registro de boletim de ocorrência? ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas

Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

3. A sensação de segurança nas escolas

A pesquisa permite também analisar a sensação de insegurança ou alguns “efeitos colaterais” da violência. Na opinião dos delegados da APEOESP é comum alunos e professores deixarem de comparecer as aulas devido a sensação de insegurança. Nada menos que 47% dos delegados afirmaram ser freqüente a ausência de alunos nas aulas devido à insegurança e 21,5% afirmou que esses casos ocorrem, mas apenas ocasionalmente. A porcentagem de professores que deixam de ir a aulas por sentirem-se inseguros é um pouco menor, como mostra a tabela abaixo, mas mesmo assim é uma porcentagem alta, uma vez que praticamente 52% dos delegados mencionaram casos deste tipo em 2006.

TABELA 9
Na sua escola houve casos de alunos ou professores se sentirem inseguros a ponto de deixarem de participar das aulas, em 2006?

| | % Alunos | % Professores |
|--------------------|-----------------|----------------------|
| Sim, várias vezes | 46,7 | 34,8 |
| Sim, algumas vezes | 21,5 | 18,8 |
| Não | 31,9 | 46,4 |
| Não sabe avaliar | 0,0 | 0,0 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A sensação de insegurança se materializa muitas vezes na ameaça direta. Nada menos que metade dos delegados afirmou ser freqüente os de casos de alunos e professores ameaçados em 2006. Esse número salta para praticamente três quartos dos delegados quando juntamos as respostas “várias vezes” e “algumas vezes”.

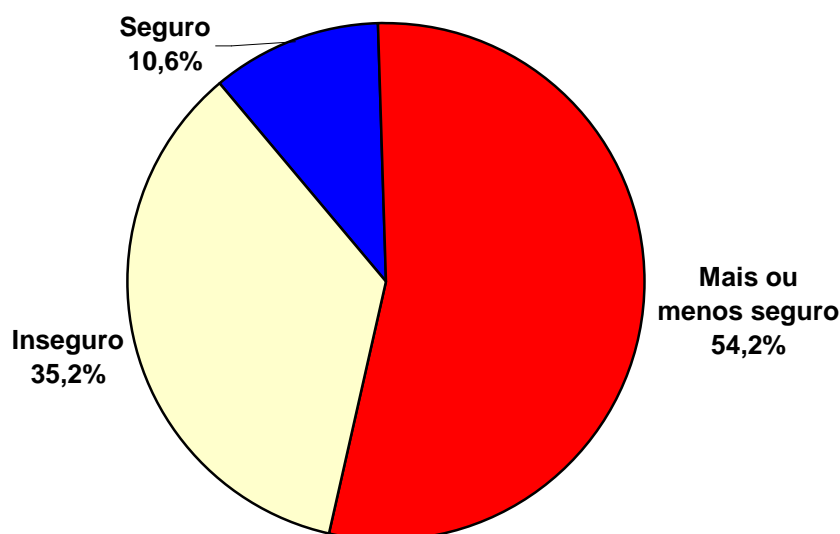
Tabela 10
Na sua escola houve casos de alunos ou professores ameaçados, em 2006?

| | % Alunos | % Professores |
|--------------------|-----------------|----------------------|
| Sim, várias vezes | 50,8 | 50,4 |
| Sim, algumas vezes | 28,5 | 23,7 |
| Não | 10,6 | 14,2 |
| Não sabe avaliar | 10,1 | 11,6 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A opinião dos delegados revela também que a violência na escola não pode ser analisada apenas em seu aspecto “intra-muros”, mas que o ambiente externo é também relevante. Para 35% dos delegados o entorno da sua escola é inseguro, e para 54% deles o entorno é mais ou menos seguro. Apenas 10,6% dos delegados afirmaram ser seguro o entorno da escola em que leciona.

GRÁFICO 17
Participação dos professores segundo percepção de segurança do entorno da escola
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Na pesquisa de Abramovay (2006) a percepção da segurança do entorno também foi uma das variáveis observadas. Apesar da grande maioria dos professores declararem impressões positivas sobre o bairro onde se localiza a escola, agradável ou muito agradável somando 43,7% dos casos, não podemos desconsiderar que 14,7% dos professores manifestaram percepções negativas sobre o entorno da escola, considerando-o desagradável ou muito desagradável.

Esta pergunta a respeito das condições de segurança do entorno nos remetem a percepção dos delegados quanto ao envolvimento da comunidade nos problemas da violência escolar. Para 66% este envolvimento é insatisfatório, contra apenas 16% que acham satisfatório o envolvimento da comunidade.

TABELA 11
Na sua opinião, o envolvimento da comunidade escolar local com os problemas de violência na escola?

| | (%) |
|--------------------|------------|
| É satisfatório | 16,0 |
| Não é satisfatório | 65,7 |
| Não sabe avaliar | 18,4 |
| Total | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A pesquisa de Abramovay (2006) verificou, ainda, uma forte relação entre a invasão de pessoas estranhas ao ambiente escolar e seus impactos na vivência cotidiana da escola, um elemento importante não incluído na pesquisa DIEESE/APEOESP. A pesquisa revelou que 34,3% dos casos de invasão foram praticados por elementos

desconhecidos, sendo também significativa a participação de ex-alunos nos casos de invasão da escola, 31,6% dos casos mencionados. Quanto à relação entre vivência cotidiana da escola e casos de invasão escolar, a pesquisa revelou que 35,7% dos casos de invasão foram mencionadas por professores que manifestaram uma percepção do cotidiano da escola entre “difícil e muito difícil”. No outro extremo, dos professores que manifestaram uma percepção do cotidiano da escola entre “fácil ou muito fácil”, 34% mencionaram que nunca houve invasão.

O impacto do entorno foi investigado também por Codo (1999), que aponta uma forte relação entre os atos de violência e a falta de segurança externa. Ao contrário da segurança interna, para Codo (199: 156): “a segurança externa exerce um rol positivo na contenção das ocorrências de agressão ao patrimônio, embora os recursos não ajam de forma completamente efetiva na diminuição das ocorrências de roubo e vandalismo”.

Quando indagados a respeito da evolução da violência em relação ao ano de 2005 cerca de 39% dos delegados afirmou que a violência diminuiu, enquanto 31,5% afirmou que esta aumentou. Para 11,5% deles a violência permaneceu como estava ou se manteve no mesmo patamar.

TABELA 12
Na sua opinião, a violência na sua escola, em relação ao ano anterior (2005)

| | (%) |
|------------------|------------|
| Aumentou | 31,5 |
| Diminuiu | 38,8 |
| Manteve-se | 11,5 |
| Não sabe avaliar | 18,3 |
| Total | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

3.1 Segurança das instalações

Através dos questionários é possível também saber qual a percepção dos delegados em relação à infra-estrutura da escola. A maior parte das escolas possui vigias ou profissionais de segurança, bem como controle de entrada e saída de alunos.

A existência de câmeras nas escolas é menos comum, apenas 23% dos delegados afirmam que sua escola conta com este equipamento, bem como a existência de equipamentos contra incêndio, presente na escola de 49% dos delegados.

A pesquisa de Codo (1999) revelou que nas 5 regiões brasileiras a maioria das escolas possui sistemas de segurança internos. No caso de São Paulo, 63% das escolas foram classificadas como possuindo maior segurança interna. Assim como na pesquisa DIEESE/APEOESP, tanto Sposito (2002), como Codo (1999) mostram que não existe uma relação direta entre maior aparelhamento ou medidas internas de segurança com a diminuição dos casos de violência observados. Observam inclusive que, “(...) a existência de maiores problemas de segurança coincide exatamente com a presença de segurança ostensiva” (Codo, 1999: 155). Essa percepção é colaborada pelos dados, demonstrando que nas escolas que possuíam “maior segurança interna” 72,8% apresentaram casos de roubo ou vandalismo. Já nas escolas brasileiras “sem segurança interna”, apenas 8,7% apresentaram casos de roubo ou vandalismo.

TABELA 13
Há infra-estrutura de combate a violência nas escolas?
Estado de São Paulo, 2006

| Tipo de Infra-estrutura | SIM | NÃO | Total |
|---|-------|-------|--------|
| Existência de Inspetor ou vigia presente na escola | 72,3% | 27,7% | 100,0% |
| Existência de controle de entrada e saída de alunos | 80,2% | 19,8% | 100,0% |
| Existência de câmeras de vídeo instaladas | 23,0% | 77,0% | 100,0% |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
 Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

4. Projetos e medidas com impacto sobre a violência

Os delegados foram também questionados a respeito dos projetos e medidas em vigor que de alguma forma têm impacto sobre a violência nas escolas. Mais de metade dos delegados, cerca de 59%, afirma que a escola em que leciona não tem projeto algum de combate à violência.

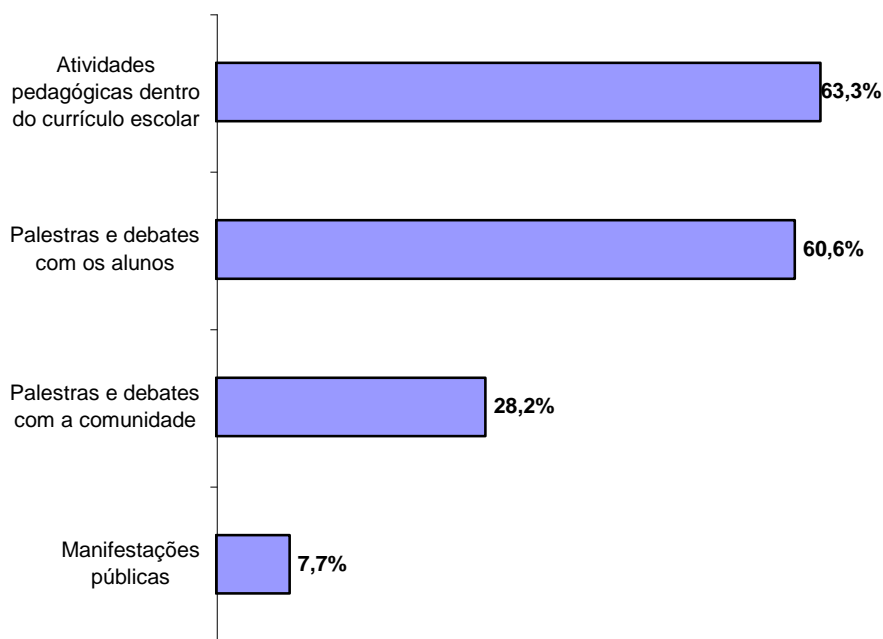
TABELA 14
A sua escola tem algum projeto de combate à violência?

| | (%) |
|--------------|------------|
| Sim | 40,8 |
| Não | 59,2 |
| Total | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Entre os delegados que afirmam que sua escola tem projeto de combate à violência, as ações mais mencionadas são atividades pedagógicas dentro do currículo escolar e a realização de palestras e debates com os alunos. Apenas 28% dos professores citaram a realização de palestras e debates com a comunidade.

GRÁFICO 18
Atividades de combate a violência nas escolas citadas pelos professores ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006



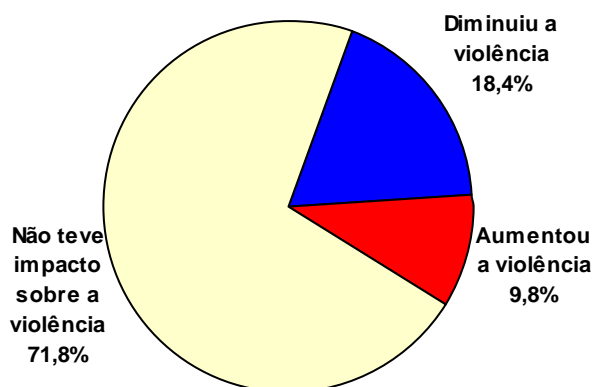
Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

O projeto escola na família que poderia aproximar a comunidade da escola parece não ter impacto algum sobre a violência nas escolas, como indica o gráfico abaixo. Apenas 18% dos delegados afirmam que esta medida contribuiu para diminuir a violência nas escolas. Esta percepção vai de encontro os dados da Secretaria da Educação divulgados em 2003 que afirmam que o programa teria contribuído para reduzir a violência nas escolas e no entorno, principalmente os atos de vandalismo

(incluindo pichações), furtos, agressões e uso de drogas por parte dos alunos (Betina, 2005).

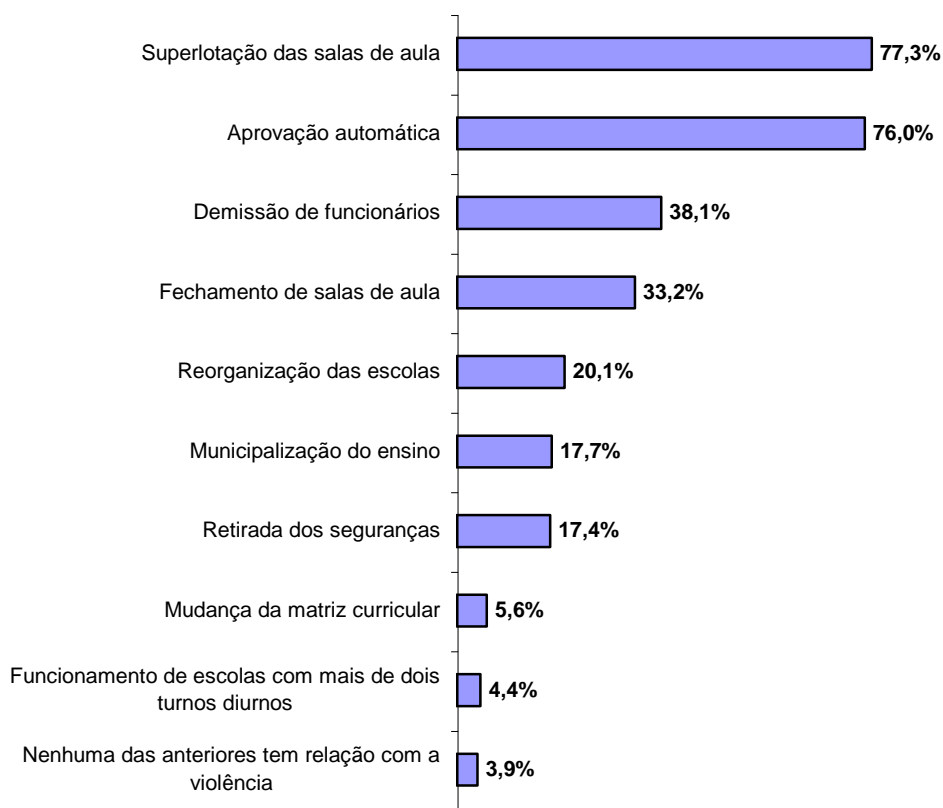
GRÁFICO 19
Opinião dos professores sobre o programa escola da família e seu impacto no
combate a violência
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A mudança na matriz curricular e a aprovação automática a ela ligada são as medidas mais mencionadas entre as que tiveram impacto negativo ou que contribuíram para a violência nas escolas. A essas duas medidas negativas se somam a demissão de funcionários e o fechamento de salas entre mais citadas entre as que contribuíram para os casos de violência.

GRÁFICO 20
Opinião dos professores segundo medidas que contribuíram para violência nas
Escolas ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas

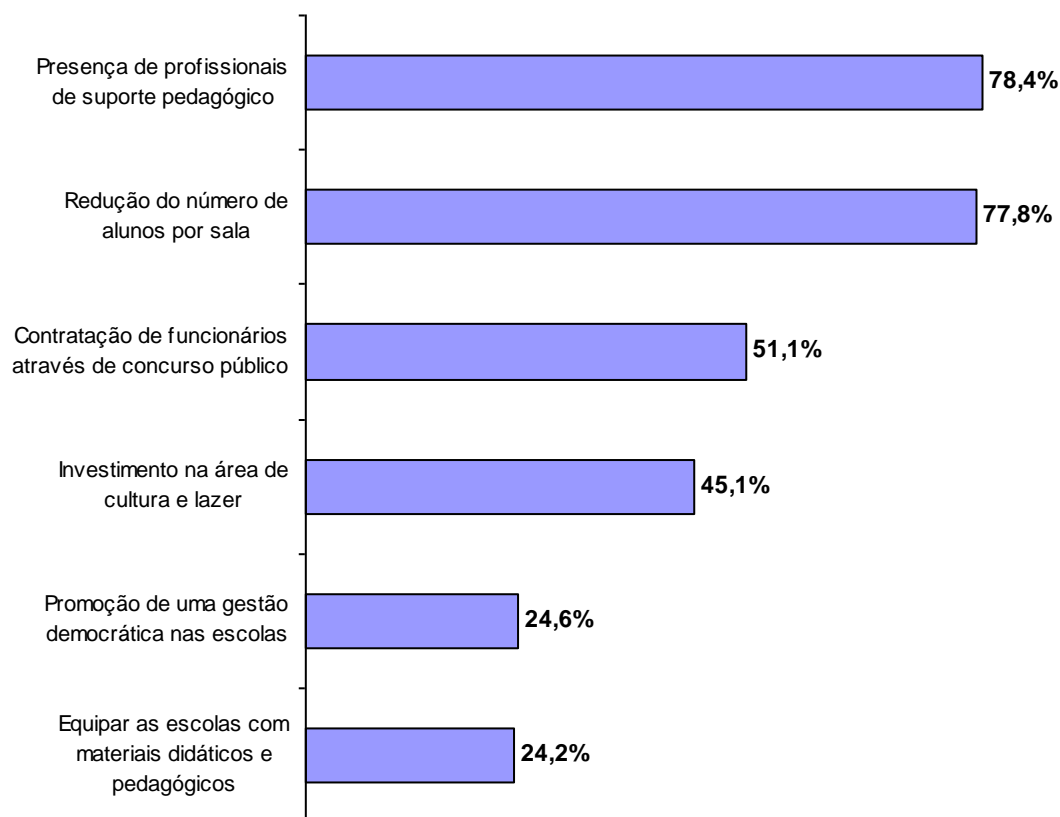
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

Entre as medidas que poderiam ter impacto positivo ou coibir a violência as mais citadas são a presença de profissionais de suporte pedagógico a redução do número de alunos por sala e a contratação de mais funcionários “por concurso público”. Essas medidas estão diretamente relacionadas à percepção de que com a melhoria do ambiente escolar, com a viabilização de salas com menos alunos e, portanto, com a ampliação não somente física, mas também de pessoal capacitado pode-se garantir um acompanhamento mais próximo do aluno evitando aquele que é um dos principais fatores de violência apontados pela pesquisa: o conflito entre alunos.⁴

⁴ Sposito (2002) mostra que estabelecimentos de ensino com mais alunos são mais suscetíveis a prática da violência. Segundo a autora os índices de violência são maiores na 5-8 séries do que na 1-4 series. A mesma apresenta também evidência de que a violência está associada ao menor rendimento escolar, utilizando dados do SAEB.

GRÁFICO 21
Medidas que ajudariam na diminuição da violência nas Escolas ⁽¹⁾
Estado de São Paulo, 2006



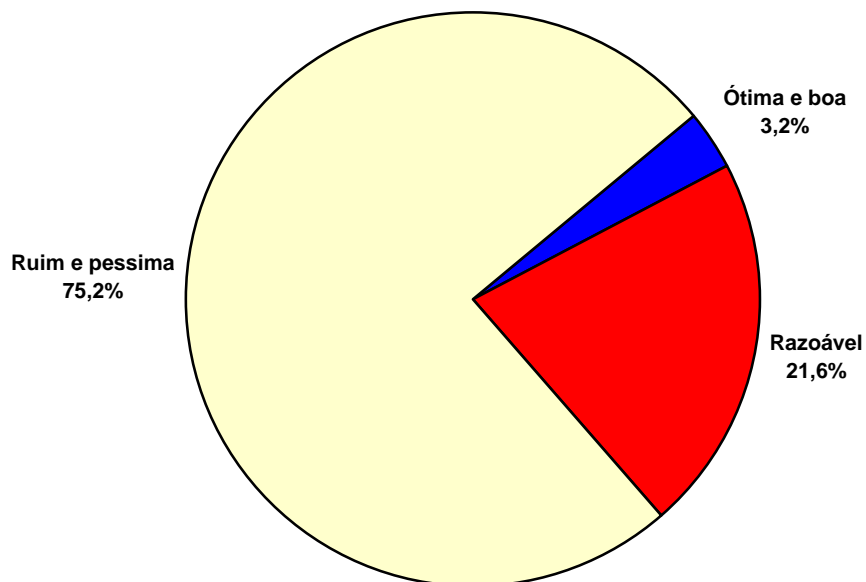
Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas

Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

Nota(1): Os dados não somam 100% pois foi possível assinalar mais de uma alternativa

Por fim, a pesquisa aponta também qual a avaliação dos delegados da APEOESP com relação à política de segurança nas escolas do governo Alkimim. Para 75% dos professores esta política em 2006 foi péssima ou ruim. Apenas 3,2% dos delegados consideram as iniciativas do governo ótimas ou boas e 21,6% julgaram-nas razoáveis. Estes números revelam o descontentamento com a política implementada pelo governo nos últimos anos, sentimento que não deriva apenas do possível viés ideológico que separa a grande maioria dos delegados da política do PSDB, mas principalmente da percepção da gravidade do tema da violência nas escolas nos dias de hoje.

GRÁFICO 22
Participação dos professores segundo opinião sobre a política para segurança nas escolas
Estado de São Paulo, 2006



Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

5. Possíveis explicações para violência e seus efeitos

Nesta parte do trabalho procuramos testar a associação entre algumas das variáveis analisadas isoladamente na primeira parte do trabalho. Os testes de associação mostram que as variáveis analisadas possuem vínculo associativo, mas não indicam a direção ou sentido do vínculo. A direção ou sentido do vínculo foi intuída com base na teoria e em outros trabalhos sobre o tema.

5.1 As variáveis associadas à manifestação da violência

A pergunta “A escola que você leciona teve casos de violência” foi cruzada com algumas variáveis que poderiam influenciar a percepção de violência dos professores e o nível real de violência nas escolas.

As principais variáveis independentes que apresentaram associação significativa e positiva com a manifestação de casos de violência foram:

- a) A localização da escola em área urbana e não rural
- b) A percepção de que a relação entre os alunos da escola e alunos e professores é negativa
- c) A localização da escola em uma região insegura
- d) A percepção de que o envolvimento da comunidade escolar local com os problemas de violência na escola é insuficiente
- e) O fato do professore/delegado ter contato ou dar aulas para um grande número de alunos
- f) A falta de alunos e professores nas aulas devido à insegurança

Não reproduziremos aqui as tabelas com os cruzamentos, entretanto, é preciso deixar claro os critérios utilizados para afirmar a relevância dos mesmos. Os indicadores de associação utilizados foram o Qui Quadrado, o Cramer’s V, e o resíduo ajustado. As variáveis mencionadas acima foram aquelas onde o Cramer’s V registrado foi maior ou igual a 0,24 a um nível de significância de 001 e que a correlação de Pearson foi significativa. Nestes casos nos olhamos também para ao resíduo ajustado de forma a reforçar as afirmações.

Os testes confirmaram a relevância de algumas relações intuitivas como o fato dos delegados das escolas localizadas em área rural reportarem menos casos de violência que os delegados que lecionam em escolas localizadas em áreas urbanas. Outro aspecto que chama atenção é a associação entre o entorno e o registro de casos de violência, as escolas onde o entorno é considerado menos seguro são as escolas que registraram mais casos. Neste sentido é importante também ressaltar a importância do envolvimento da comunidade, onde os professores falaram que o envolvimento é satisfatório há uma expressiva chance de responderem também que ocorrerem menos casos de violência.⁵

Também é claro o efeito da violência sobre a falta de professores e alunos nas aulas. E associação negativa entre a observação de casos de violência e a percepção de que a relação entre alunos e alunos e professores é apenas razoável ruim ou péssima.

5.2 As variáveis associadas ao tipo de violência

A pesquisa permite também observar a associação entre diferentes tipos de violência e algumas variáveis independentes. Neste tipo de cruzamento pudemos observar, por exemplo, uma associação positiva entre a discriminação e a raça ou cor dos delegados. Observamos também que tanto a ocorrência de roubo e furto na escola, em 2006, como de atos de vandalismo e violência física parece estar significativamente associada à falta ou a ausência de professores e alunos na escola devido à sensação de insegurança. Este cruzamento nos permite observar quais dos atos violentos estão reforçando este comportamento.

O vandalismo e o assalto e roubo a mão armada estão associados também ao entorno, como observamos anteriormente. Confirmando o que nos sugere o senso comum, escolas localizadas em áreas ou vizinhanças menos seguras estão mais sujeitas aos atos de vandalismo e de assalto e roubo a mão armada. Além disso, a região também está associada a estes fatores. Escolas localizadas em áreas metropolitanas estão mais sujeitas a essas manifestações. A região também parece ser um bom indicador das chances de observação de ocorrências de tráfico na escola, novamente associada às áreas metropolitanas, bem como da presença de armas.

A existência de casos de violência está associada a ambientes negativos tanto internos quanto externos à escola. A pesquisa indica que nas escolas onde a relação

⁵ Cramer 0,32 (001). Os resíduos ajustados ficaram acima de 6 ou abaixo de -6, indicando o sentido da relação.

entre alunos, e entre alunos e professores é melhor há menos casos de violência. Ao mesmo tempo, as escolas onde o entorno é percebido como mais seguro pelos delegados e onde o envolvimento da comunidade com as questões ligadas a violência é maior são também as escolas menos violentas. As ameaças a professores e alunos estão associadas a escolas localizadas em áreas consideradas menos seguras pelos delegados.

Os delegados percebem a relação entre alunos e professores e alunos como sendo pior nas escolas localizadas em áreas mais inseguras e onde o envolvimento da comunidade é menor. A relação entre professores e alunos é melhor nas escolas fora da RMSP.

5.3 Estrutura de segurança na escola e percepção do entorno

A existência de item de segurança (vigias, controle de entrada e saída de alunos, câmeras) está associada à sensação de segurança dos professores e alunos. Onde elas existem os professores e alunos estão menos propensos a faltar nas aulas por se sentirem inseguros. A presença dessas estruturas também está associada a menor sujeição dos professores a ameaças, mas não mostra correlação nenhuma com o registro de casos de violência, em acordo com outros estudos mencionados no início do trabalho.

6. Conclusão

A saliência que o tema da violência ganhou dentro da área da educação decorre diretamente do aumento da violência fora e dentro da escola. Os educadores e demais profissionais da educação que vêm debatendo quais os entraves e as ações necessários à melhoria do ensino não podem, hoje, se furtar à discussão do problema da violência e suas implicações para educação. Esta pesquisa de opinião realizada com os representantes dos professores presentes no XIX Congresso da APEOESP, em 2006, mostrou importantes aspectos da violência escolar, ao explorar tanto suas manifestações, como suas causas e conseqüências.

Apesar das restrições com relação à extrapolação dos dados levantados para todo universo do professorado paulista (ver anexo 1), a pesquisa cobre um universo significativo dos professores e seus dados podem ser vistos como uma amostra significativa do que ocorre nas escolas paulistas estaduais. As descobertas apresentadas neste estudo, como a alta proporção de professores vítima de violência; a avaliação de que programas como a “escola da família” pouco tem ajudado o combate a violência; e o alerta de que a falta de professores e estrutura de ensino é uma das principais causas do agravamento da violência dentro da escola devem servir para balizar tanto a atuação da APEOESP, e do conjunto dos professores, como dos outros educadores e organizações preocupadas como a melhoria do ensino no país.

7. Bibliografia

Abramovay, M. et alii (2006) – *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasil: UNESCO-MEC.

Aquino, J. (1998) – *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cadernos do Cedes. Ano XIX, n. 47.

Kahn, T. (2002) – *Efeitos das Mudanças no Sistema escolar sobre a Violência*. Violência nas Escolas e Policiamento Escolar. Revista ILANUD, n. 23, pp. 79-105.

Krug, E. et alii (2002) – *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.

Codo, W. (1999) – *Educação: Carinho e Trabalho*. Ed. Vozes

Sposito, M. (2002) – *Redução da Violência Escolar como Desafio Democrático*. Violência nas Escolas e Policiamento Escolar. Revista ILANUD, n. 23, pp. 107-117.

Sposito, M. (2001) – *Um breve Balanço da Pesquisa sobre Violência escolar no Brasil*. Educação e Pesquisa. Vol. 27, n. 1, pp. 87-103.

Betina, B. (2005) – *Violência diminui 36% ao redor de escolas estaduais*. Quarta feira. 17 de agosto de 2005. Jornal da Tarde.

Anexo 1

Nota metodológica

A pesquisa foi aplicada no universo dos 2951 delegados presentes no Congresso da APEOESP em 2006, e obteve um retorno de 668 questionários.

A categoria apresenta um perfil distinto dos delegados. Entre os professores na ativa cerca de 80% são mulheres e 20% homens, uma participação masculina significativamente inferior à observada entre os delegados. A comparação entre a distribuição do sexo entre os respondentes e os delegados é similar e significativamente associada.

Tabela 1
Delegados segundo o sexo

| Sexo | % delegados | % questionários | % categoria |
|--------------|--------------------|------------------------|--------------------|
| Mulheres | 62,7 | 62,6 | 79,9 |
| Homens | 37,3 | 37,4 | 20,1 |
| Total | 100 | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A comparação da distribuição por faixa etária também mostra que há uma semelhança significativa entre o universo dos delegados e a amostra.

Tabela 2
Comparação da faixa etária (população, universo, amostra)

| Idade | % da categoria | % dos delegados | % respondentes |
|--------------|-----------------------|------------------------|-----------------------|
| Até 29 | 11,75 | 7,3 | 6,8 |
| 30-39 | 29,18 | 24,9 | 25,5 |
| 40-49 | 37,29 | 41,4 | 37,8 |
| 50 ou mais | 18,98 | 26,4 | 29,9 |
| Total | 100 | 100 | 100 |

Fonte: DIEESE-APEOESP - Pesquisa Violência nas Escolas
Elaboração: DIEESE – Subseção Apeoesp/Cepes

A tabela abaixo apresenta a comparação entre alguns indicadores estatísticos para o universo dos delegados e a amostra em relação as variáveis de idade e sexo.

Tabela 3
Estatísticas descritivas da amostra

| | Sexo Questionários | Idade Questionários | Idade Cadastro | Sexo Cadastro |
|-----------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------|--------------------------------|
| Número | 676 | 636 | 2930 | 2951 |
| Média | 1,63 | 43,47 | 44,32 | 1,63 |
| Erro padrão da Média | 1,86E-02 | 0,36 | 0,19 | 8,90E-03 |
| Moda | 2 | 42 | 41 | 2 |
| Desvio padrão | 0,48 | 9,06 | 10,06 | 0,48 |
| Variância | 0,23 | 82,12 | 101,14 | 0,23 |